



PENSANDO O CONCEITO DE RELIGIÃO

Rondinele Laurindo FELIPE¹

RESUMO

O conceito de religião parece óbvio e autoexplicativo, no entanto as tentativas de defini-lo e encontrar um conceito razoavelmente genérico tem rendido vários debates dentro do campo da filosofia da religião. O pretendido ensaio procurará refletir algumas formas e tentativas de definição daquilo que se entende por religião. Assim, a filosofia da religião insere a hermenêutica como modo propício para se pensar a religião. Para fazer algumas menções pertinentes ao fenômeno religioso é que situamos a problemática da possibilidade de reflexão da religião tendo como pano de fundo as contribuições de Paul Tillich, para isso, os conceitos de “condicional”, “incondicional” e “fé” são maneiras de pensar propriamente o conceito de religião. Desse modo, buscar-se-á mostrar os caminhos e apontamentos feitos pela teologia e filosofia da religião no que se refere a maneira de pensar e conceber os fenômenos religiosos.

Palavras-chave: Religião. Hermenêutica. Filosofia. Condicional. Incondicional.

1 INTRODUÇÃO

É possível conceituar em um termo todas as religiões? A sugerida pergunta é proposital e provocativa, sua conjugação no plural nos revela que os “conceitos” aplicados ao campo do religioso não faz do vocábulo um objeto de aceitação incontestável e livre de ambiguidades, ao menos no meio acadêmico, e no Brasil em que, paradoxalmente, o termo religião designa a ciência que estuda os fenômenos religiosos. Como definir o que é religião? Partindo dessas questões pretendemos

¹ Doutorando em Ciência da Religião pela UFJF. E-mail: <rondinelefelipe17@gmail.com>.

discutir o sentido e a controversa definição de religião a partir do horizonte filosófico da filosofia da religião. Ora, diante disso, poderíamos indagar se o conceito religião se dissolve pela filosofia subjacente a própria pergunta sob o que seria, propriamente, religião, espiritualidade, fé, cultura, etc? para apresentar semelhante questão, procuraremos demonstrar qual seria o papel da filosofia, teologia e filosofia da religião, nessa teia de significados e sentidos em que se busca, paradoxalmente, uma conceituação mais ou menos razoável aos embates da razão, dos fenômenos e experiências religiosas. Embora, pareça um termo de comum aceitação e irrestrita circulação na pluridiversidade dos praticantes, o vocábulo religião tem rendido, ao longo dos tempos, vários estudos e debates no que se refere à definição que seja no mínimo unívoca do que se anseia definir por religião.

Pois bem, a relação com o sagrado é uma busca pelo inominável, por aquilo que transcende e ultrapassa qualquer experiência comum. Isso não quer dizer que o que se entende por religião não se relaciona com a cultura e coisas corriqueiras, aliás, a problemática em torno daquilo que propriamente se denomina religião é tão nebulosa que há quem determine religião numa relação sinonímica com a cultura. Enfim, não há como negar que muitos seguimentos religiosos compartilham valores no campo da ética e moral, que consolidam, trazem coesão e orientam a vida em sociedade. Não somente no âmbito dos valores, mas nas diversas expressões culturais é possível detectar (mesmo que seja o mínimo) matizes religiosas.

2 FILOSOFIA DA RELIGIÃO E TEOLOGIA.

Existe uma área do conhecimento que dê conta da abrangência e complexidade do termo religião? Qual seria o papel da teologia e filosofia nessa tarefa? Para tentar explicitar essas questões é que se traz ao debate o aporte da filosofia da religião. Será a filosofia da religião a ciência mais adequada para tratar do tema religião? Não é desconhecida a função e importância da filosofia para o conhecimento humano, seu objeto de investigação, bem como os temas que essa ciência abarca, os conceitos e raciocínios desenvolvidos pelo saber filosófico são proeminentemente percebidos. No entanto, como a filosofia dialoga com a religião? Como destaca Agnaldo Cuoco Portugal (2014), desde sua origem a relação entre filosofia e religião tem sido conflituosa, perdurando até a idade moderna e

contemporânea. Muito embora, conforme Marcio Tavares d’Amaral (2015) um ponto de convergência entre razão e fé teria ocorrido dentro da tradição filosófica ocidental. Não é despercebido que a teologia ocupa um lugar central na interpretação e sistematização da doutrina cristã; apesar de que, curiosamente, se nos atermos a etimologias, perceber-se-á na palavra “teologia” o vocábulo “Deus” como objeto de estudo. Evidentemente, o conceito de Deus é um tema bastante debatido pela filosofia da religião. Todavia, a filosofia da religião dialoga tanto com a teologia, quanto com outras ciências e manifestações religiosas, obviamente quando se sobrepõe ao crivo da razão, isso quer dizer que a filosofia da religião não tem a tarefa de se posicionar ou defender determinada doutrina, mas analisar racionalmente determinado conteúdo.

Nessa difícil tarefa de discorrer sobre o conceito de religião é que se faz necessário um enfoque no texto do professor Frederico Pieper Pires (2019). De acordo com esse autor, o conceito de religião é uma categoria moderna. E de ser assim, por mais que tenha existido diversas manifestação religiosas na história pregressa da humanidade, o vocábulo religião, para se referir à fenômenos de cunho religioso, é uma terminação evocada no mundo moderno. Mesmo que não pareça haver controversas com relação ao termo religião, o que se percebe é uma dificuldade em condensar a pluridiversidade dos fenômenos religiosos a um termo. Vejamos como esse termo parece ser vago para abarcar a multiplicidade daquilo que queremos entender por religião: dentro de determinada sociedade são muitas as manifestações culturais que as vezes colocamos sob a rubrica religião. Tanto é assim que mesmo nas sociedades secularizadas muitas ações humanas parecem estar regidas perante um céu sagrado. Isso quer dizer que se considerarmos todas as representações humanas no que diz respeito à emoção, contemplação, aos rituais, ou mesmo na maneira de se comunicar e se referir aos símbolos, parecem espelhar um comportamento de propensão sagrada. O que seria religião afinal? Essa questão irá nos guiar não apenas no sentido de perceber as dificuldades desse conceito, mas, ao mesmo tempo, tentar descobrir quais manifestações culturais humanas teriam sido atribuídas à égide do religioso.

Nesse ponto, é importante notar que o objetivo do autor (2019) não é o de buscar outra definição para o polêmico termo religião. O que se pode adiantar é que a etimologia da palavra não revela os variados sentidos que o termo adquiriu. Desse

modo, por que o termo religião não seria suficiente para designar o sentido que ele abrange? A exemplo, quando pensamos a respeito do termo coragem não é difícil inferir seu significado. No entanto, o mesmo não acontece com o termo religião. Muito embora esse termo tenha sido usado por Agostinho e outros teóricos na Idade Média; mas, no sentido de referir-se tão somente a teologia cristã que representa uma pequena parte da infinidade de seguimentos religiosos. Fato é que se usa o conceito de religião de formas variadas, seja para designar cultos ou práticas dentro do universo sagrado, ou mesmo aludir a sentimentos, disposição pessoal e moral. Como foi apontado pelo autor (2019), o conceito de religião começa a surgir já nos primeiros séculos da era cristã. No entanto, a questão que se coloca é: Por que o referido termo ganhou mais evidência a partir do século XVIII? Ainda em Pieper (2019), foi precisamente na decadência da religião que o termo passou a ser mais usado. Devido a valorização e autonomia do indivíduo a religião perde o status de senhora condutora da vida, deixando de ser o centro hegemônico do sagrado.

Com o processo de racionalização e autonomia da razão o indivíduo começa a questionar não apenas a posição privilegiada da religião, mas também sua veracidade e poder de decisão. Com o advento da modernidade a sociedade se divide em áreas especializadas em que se passou a distinguir cada qual em seu campo de atuação. Com efeito, devido autonomização das esferas sociais, divididas em áreas independentes, o sagrado deixou de ser o eixo regulador da sociedade, compondo um campo específico ao lado dos outros. Assim, como aponta Pieper (2019), se tudo se autonomizou dentro do sistema social, cada área da sociedade devidamente denominada, não poderia ser diferente com o conjunto de práticas relacionadas ao sagrado, dessa forma, ao menos na cultura ocidental, denominou-se religião.

Com esse processo de racionalização e divisão da vida em diversos setores, incluindo aquele denominado de religião, intensificou-se o que podemos chamar de modernidade. A posição central, não mais ocupada pelo sagrado, passa ser a cultura. Portanto, dentro dessa grande esfera cultural reside outras esferas menores em que a religião divide espaço com as demais. Dessa fragmentação, dentro do bojo cultural, surge as disciplinas cada uma com sua especificidade de estudo e atuação. Desse modo, qual disciplina específica se ocuparia da religião? Não é difícil inferir que a “ciência da religião” se ocuparia dessa área dentro do universo cultural.

Isso mostra que ao ser definido uma disciplina específica para tratar do tema religião, ao mesmo tempo surgem debates filosóficos com o propósito de perfilar seu objeto de estudo. Em sendo assim, surgem muitas propostas na tentativa de definir o que seria religião, em alguns casos reduzindo o conceito, ou propondo outro conceito, e, ainda propostas de abandonar o conceito de religião. Como se pode notar, a filosofia da religião teoriza tais questões.

3 O HORIZONTE HERMENÊUTICO DA RELIGIÃO

A partir do momento em que se tenta definir a função específica da religião, surgem diversas tendências na tentativa de teorizar esse fenômeno. Se formos discorrer sobre tais tendências teremos a comprovação do quão complexo é o assunto. Em três pontos Piper (2019) reflete a respeito das sugeridas abordagens do fenômeno religioso: 1. religião como outra esfera social, esse primeiro ponto nos remete aos denominados “filósofos da suspeita” que propuseram pensar a religião contrariamente ao seu sentido aplicando-lhe adjetivos consequentemente pejorativos, visto que a religião seria resultado de consciência alienada, ópio do povo, renúncia de vida e, portanto, sem identificação própria. Mesmo que a religião tenha sido criticada, o que é pertinente dentro de um horizonte filosófico, os “filósofos da suspeita” contribuíram profundamente ao perceberem o horizonte hermenêutico no qual se situa a religião. O que não foi diferente para o aperfeiçoamento das próprias ideias e teses desses citados filósofos. Em outras palavras, essa coisa abstrusa chamada religião instigou pensadores e intensificou debates e teorias dentro do universo cultural.

2. Outra perspectiva é pensar a religião a partir do conceito de cultura, tentando encontrar uma função social para mesma. Desse modo, a religião é vista como meio para entender outras esferas maiores, como cultura e sociedade. 3. Por fim, compreender a religião por ela mesma como esfera autônoma; proeminentemente, essa é a tarefa da filosofia da religião, nesse ponto perceber-se-á função específica da religião com origem própria, reconhecendo-a como esfera social que, apesar de independente, pode se comunicar com outras esferas. Enfim, de tudo que foi esboçado é importante notar que essas tendências se aproximam, na medida em que percebem a origem e a função da religião no mundo. Ao lado

dessas tendências, Piper (2019) destaca que a partir dos ataques do empirismo, o protestantismo liberal sai em defesa da religião e fundamenta a noção do aspecto interno da religião integrada a experiência individual e subjetiva do homem. Desse modo, ao reduzir a religião ao âmbito subjetivo ela não precisa atender à objetividade científica, por se tratar de uma experiência pessoal. Em outras palavras a religião passa a ser uma escolha individual de cada um. Isso mostra, ao mesmo tempo, o quão moderno é o uso do termo religião, pois nessa descrição, como destaca o filósofo Danilo Marcondes (2010), subjetividade subentende-se como uma noção moderna conduzida por Kant e pensadores pós-kantianos.

Desse modo, ao se situar na esteira das outras criações humanas, o termo religião causa desconfiança por parte daqueles que praticam religião. Isso ganha relevo quando o termo religião é usado para desqualificar as práticas alheias. Ao mesmo tempo, uma parte da teologia cristã recusou o termo religião por ser uma criação humana. Partindo desse pressuposto, nota-se que o termo religião assume uma conotação pejorativa. Qual seria a saída para se pensar uma expressão que seja suficientemente unívoca para todas as crenças? Na tentativa de resolver essa dicotomia terminológica alguns teóricos começaram a empregar o termo no plural (“religiões”). Logicamente, para empregar o termo “religiões” temos como pressuposto o vocábulo religião. Que aliás, mesmo quando nos referimos à outras esferas sociais, usamos o conceito de religião querendo distingui-lo.

As dificuldades com relação a uma definição que compreenda a pluralidade das representações culturais parecem mais intensas quando se pensa o termo religião como representativo do Ocidente cristão, uma vez que restringe esse conceito ao âmbito particular. Ora, nesse caso, como ficaria diálogo com outras culturas e vertentes? De acordo com Pieper (2019), o diálogo, numa perspectiva transcultural, pressuporá uma noção de hermenêutica. Isso quer dizer que quando se reconhece e interpreta a historicidade do outro, assim como a visão de mundo contingente e situada, passível de ser revisada, está posta a condição para o diálogo.

A reflexão que se confere nessas linhas diz respeito aos limites do conceito de religião. Já sabemos que não podemos conceber esse conceito de forma naturalizada, propor seu abandono, nem mesmo substituir o termo por outro. Se já sabíamos das dificuldades, qual seria o sentido de toda essa discussão? Isso se

justifica das seguintes maneiras: os conceitos são portas que se abrem para realidade, permitindo que compreendamos as coisas pelo o que elas são. Em outras palavras, inventamos conceitos para compreender aquilo que antes se encontrava obscuro. Parece que a grande dificuldade em apreender os conceitos gira em torno da concepção de horizonte hermenêutico. Isso quer dizer que precisamos compreender que os conceitos são forjados a partir de uma rede de significados em que as limitações são pressupostos na busca pela verdade. Dito de outra maneira, qualquer que seja o conceito ele não surge num vazio sem referências. Entender essa noção é condição de possibilidade para compreender que o conceito de religião se mostra a partir de um horizonte de referências pré-estabelecidas. Melhor dizendo, antes do conceito de religião temos: mundo, pessoas, linguagem, história, fenômenos etc. Um dado importante é que ao mesmo tempo que definimos o termo religião, já está pressuposto, existe uma noção prévia do que seria essa coisa denominada de religião. Em outras palavras é possível perceber que só conseguimos aplicar o conceito de religião porque antes a noção do que seria religião se apresenta em nossa rede de sentidos, ao mesmo tempo, é partindo do conceito de religião (sabendo dos limites) que conseguimos investigar os fenômenos religiosos.

Entendendo previamente que todo conceito se constitui, hermeneuticamente, em uma rede de significado, e que precisamos criar um distanciamento no sentido de perceber o objeto que se estuda é que se entende o caráter limitado e situado de toda noção humana do real. Enfim, diante das limitações constitutivas dos conceitos é que se percebe a hermenêutica subjacente aos mesmos e a possibilidade de investiga-los

4 A NOÇÃO DE RELIGIÃO A PARTIR DE PAUL TILLICH

Dentre as abordagens até aqui expostas, estão as diferenças entre teologia e ciência da religião, a especificidade da filosofia da religião, a resistência da religião em ser objeto de estudo da filosofia e a hermenêutica como meio para uma investigação admissível em torno do fenômeno religioso. Para fazer algumas menções pertinentes ao fenômeno religioso é que situamos a problemática de se definir religião tendo como pano de fundo as reflexões de Paul Tillich (1976). A

questão elementar que se coloca é: Em que medida a filosofia da religião concebe esse termo, filosoficamente, sem tirar sua essência? Isso quer dizer que se considerarmos o dado da revelação não se está fazendo filosofia da religião e sim teologia, de igual modo, se prescindirmos da revelação a religião perderia sua essência e não seria objeto de estudo da filosofia da religião. Não obstante, a religião resiste em ser objeto da filosofia, e mais, de acordo com Ênio Mueller (2006), a religião se sente atacada em seu interior quando é chamada de religião.

Essa é a questão discutida por Tillich (1976), a religião não permite que, em seu ponto de partida “incondicional” que se fundamenta no dado revelado, preponderante, divino, haja interferência do condicionado; do humano, imanente, contingente. Essa seria a maior dificuldade, tanto para filosofia da religião que teria que abstrair da revelação, quanto para religião que não permite esvaziar-se em sua essência, pois deixaria de ser religião. Nesse aspecto, Tillich sugere que a solução desse impasse seja esclarecida pelo caminho da síntese. Isso quer dizer que existe um ponto de convergência entre religião e filosofia da religião que precisa ser encontrado. A tarefa da filosofia da religião, portanto, consiste em encontrar esse ponto de unidade entre religião e filosofia.

Se para Tillich a religião quando objetificada, ou seja, enquanto objeto de estudo da filosofia da religião, perderia seu elemento propriamente religioso, como, então, resolver esse paradoxo? A solução, como aponta Mueller (2006), é tentar submeter a religião a um conceito mais elevado; que é o conceito de incondicional, do discurso religioso por sinal. No entanto, a agudeza de Tillich (1976) em tratar do tema religião eleva a filosofia da religião enquanto ciência apropriada para investigar esse conceito.

Na intenção de investigar o conceito de religião Tillich (1976) propõe um debate em dois sentidos opostos. Fundamentalmente, se formos desconstruir o conceito de religião esbarraremos em algumas dificuldades: primeiro, a consciência de Deus seria o mesmo que a consciência do homem. Paradoxalmente, quando colocamos o sujeito (eu, condicional, imanente) como aquele capaz de abranger o incondicional (Deus, revelação, transcendência) o sujeito se perde, não sendo possível distinguir o sujeito condicional do incondicional. O que gera outro problema: o da religião se tornar condição do condicionado, nesse caso, não se diferencia Deus do mundo. O conceito de religião destrói a certeza da realidade de Deus e,

consequentemente, sua própria essência de religião, assim a religião é reduzida a esfera condicional humana. Ora, quando Mueller (2006), ao descrever Tillich, reflete a respeito do conceito de religião parece deixar algumas dificuldades com relação ao termo religião. Em sua análise, o mesmo se refere à todas as religiões? Ele não parece deixar isso claro, e as religiões que não admitem um Deus? As outras religiões não cristãs teriam esse elemento do incondicional? Talvez, seja em virtude dessas conceituações e dificuldades em torno do conceito que Tillich parece elevar a religião ao âmbito do incondicional, enquanto preocupação última. Se a filosofia tem a tarefa de investigar a essência das coisas, como entender a religião que visa o absoluto, o incondicional? É interessante notar que tais questionamentos já expõe a função da filosofia da religião e sua importância para os estudos e críticas no que se refere à religião.

Por outro lado, Mueller (2006) fala em superação do conceito de religião. E, nessa esteira, está posto mais um problema com relação ao conceito de religião, o de que todo real pode ser objetificado. Dentro do mundo do condicional podemos definir e conceituar a realidade, entretanto, é a partir do mundo, do condicional, que pensamos o incondicional. Em outras palavras, toda concepção de Deus parte do pressuposto contingente, imanente e real. Não obstante, quando falamos do incondicional (Deus) queremos nos referir ao ato primeiro, ao inominável, ao transcendente. O paradoxo reside precisamente nesses adjetivos, pois de alguma maneira estamos sempre definido o indefinível, objetificando o que não pode ser objeto. A rigor, qualquer referência que fazemos a Deus, querendo falar de sua existência, inevitavelmente, o colocamos ao lado de todo objeto.

Ao mesmo tempo que a filosofia da religião suscita problemas ela se esforça para resolve-los. Dentre os muitos problemas que envolve o vocábulo religião existe a ideia de que a religião seria desconexa da cultura, porém, a solução não está em concebe-las separadamente, mas perceber que a religião se mostra por meio da cultura. Não é sem intenção destacar que houveram propostas de separar religião e cultura. Aliás, no pensamento de Tillich a religião não deve ser uma esfera ao lado das outras. Todavia, é a religião que fundamenta e “dá valor aos valores” (Mueller, 2006, p.20). A religião não se presta à valores. A religião como revelação está para o indivíduo autônomo. A consequência disso é que Deus, sendo absoluto e incondicional, é reduzido a valores religiosos, seja qual for o segmento. Dessa

forma, Deus se torna relativo ao espírito religioso ou, em outras palavras, o homem coloca Deus no mesmo nível que ele.

Já vimos o que tem de relativo e condicional na religião, porém, como perceber o absoluto, o incondicional na religião? Sabemos, através desse texto, que a religião é relativa enquanto objetifica o incondicional. Todo discurso sobre Deus emerge da imanência, das significações, das definições e objetificações. No entanto, a religião é absoluta no seu aspecto revelado. Para religião ser absoluta, incondicional, ela precisa deixar de ser religião. Ora, como isso seria possível? Quando deixa de fazer de Deus um objeto, quando a religião fundamenta seu discurso não na religião, mas em Deus. Nesse caso, quando se funda o discurso em Deus a religião se torna objeto de estudo da teologia? É interessante notar que a própria pergunta reflete um interesse filosófico, quer dizer, da filosofia da religião. No dizer de Mueller (2006), o caminho é tentar uma filosofia da religião que baseie seus estudos no incondicional, no dado revelado, em Deus, pois o incondicional é, num primeiro momento, uma proposição filosófica. A proeminência dessas colocações está diante de contundentes debates filosóficos, afinal, como destaca Pieper (2019), reconhecer o caráter situado das religiões a partir de um horizonte hermenêutico, parece ser um caminho razoável para pensarmos a religião a partir da filosofia da religião.

Ainda nessa discussão sobre essas questões metodológicas da filosofia da religião, Tillich alerta para não separar o objeto religioso do ato religioso (incondicional), não se separa experiência religiosa da religião. A pergunta pela essência da religião é também a pergunta pela verdade da religião. Por isso, não faz sentido perguntar se o ato religioso (o incondicional) orienta para verdades. Conforme Tillich a certeza do condicional se fundamenta no pressuposto incondicional. Ele diz que a certeza do incondicional é certeza fundante, já está pressuposto. Nesse ângulo é que o método metodológico proposto por Tillich não permite dualismo e faz do objeto da religião não apenas real, mas pressuposto de todo rel. O curioso nessa noção de “certeza fundante” é a possível analogia com o conceito de “autoconsciência imediata” proposta por Schleiermacher, de forma sintética, a consciência do incondicional (Deus, revelação, transcendente) é previamente concebida e indubitável em nossa consciência.

Cabe ressaltar, dentro do que aqui se diz, que, na concepção de Tillich religião não se caracteriza por uma pulsão da subjetividade humana, mas como dimensão cultural. Para se ter uma noção do conceito de religião em Tillich, Eduardo Gross (2013) assinala que a religião precisa ser compreendida em estreita relação com a fé. Ainda que Tillich queira ser imparcial quanto a definição de religião uma dúvida parece permear, vejamos: O conceito de fé é uma prerrogativa usada no universo cristão, sendo assim como ficaria a perspectiva do diálogo com outras vertentes não cristãs que não admitem esse conceito? E mais, quando se insere o termo fé em consonância com o vocábulo religião não se estaria reduzindo o próprio termo religião? Inclusive, o próprio Tillich parece recusar reducionismos. No panorama daquilo que constitui “preocupação última” é que Tillich concebe religião e fé, mutuamente, como dimensões de atitude do espírito humano. Ocorre assim, a fé, análoga a religião, não é uma projeção ou criação no sentido de atender um anseio da subjetividade humana, por isso, Tillich sugere que apreendamos religião como “preocupação última”.

Para compreender corretamente a tese de Tillich e o alcance daquilo que o mesmo quer dizer por “preocupação última” podemos entender, em linhas gerais, que religião é uma força do espírito humano envolvido por um deslumbramento pelo “ser em si” (Deus, incondicional, transcendente). Preponderantemente, a fé é a condição que promove esse fascínio pela “preocupação última” e que, além disso, chamamos de Deus. É importante notar, que a filosofia da religião proposta por Tillich prevê uma relação entre religião e cultura. Muito embora a religião seja uma dimensão que aponta para o incondicionado, e cultura um direcionamento para o condicionado, que em primeira vista, e para muitos estudiosos, tratar-se-ia de dimensões opostas. Na concepção de Tillich (1980) a relação entre religião e cultura é condição de possibilidade para entender a filosofia da religião. Nesse ponto, cabe ressaltar que Tillich ao relacionar religião e cultura, o mesmo pretende perfilar o caráter ontológico da religião em sua dimensão de profundidade, isso traduz em termos de “preocupação última”. Nesses moldes, religião não significa um conjunto de ritos, símbolos e emoções, projetada como visibilidade social. Aliás, como aponta Gross (2013), religião, para esse autor, encontra-se estreitamente conectada à noção de fé.

Se o que descrevemos até aqui parece constitutivamente propício e pertinente à filosofia da religião, Gross (2013) ressalta, assim como Mueller (2006) que a difícil tarefa da filosofia da religião, igualmente da ciência da religião, está, paradoxalmente, em definir seu objeto de estudo; a religião. Tillich reflete a respeito de tal questão e percebe objeções ao conceito de religião que giram em torno da relativização do incondicional. Em outras palavras, Tillich (1976) adverte que Deus não é uma certeza ao lado das coisas, ao mesmo tempo Deus não é o mesmo que cultura, nem cultura o mesmo que religião, assim como a revelação não pode ser relativa à história. Enfim, o problema apontado por Tillich prevê que a relativização destrói a essência do conceito. Não pode passar despercebido o fato de Tillich reconhecer que o incondicional repercute na realidade histórica relativa. Entretanto, não se pode relativizar o incondicional, no sentido de identificá-lo corriqueiramente.

Como tem sido debatido, esse procedimento metodológico que separa a religião da sua fonte, de sua energia transcendental, não é adequado para o estudo da religião. Nesse caso, assinala Gross (2013), que o “método objetivo” das ciências modernas parecem pouco objetivo, uma vez que desconsidera a essência desse elemento chamado religião. Ora, isso quer dizer que somente o religioso teria condições de apreender a essência da religião? Não parece fácil entender essa dialética tillichiana, pois de acordo com esse pensamento, o conceito de religião se sustenta no incondicional, ao passo que aquilo que se denomina corriqueiramente de religião objetifica o incondicional ao afirmar sua prerrogativa

Pode ser notado, dentro de uma ideia geral, que toda expressão religiosa é uma linguagem simbólica. Por conseguinte, foi a partir da noção de religião que Tillich (1980) pôde falar em “semi-religiões” ao descrever a sociedade alemã cujos movimentos religiosos se realizavam fora do espaço religioso. Nesse sentido, Tillich (1980) percebeu essa tensão permeada pelas semi-religiões em movimentos como totalitarismo e nazismo. A partir dessa constatação, em que medida o totalitarismo e o nazismo poderiam receber essa sigla de semi-religiões? De acordo com Tillich, mesmo que tais movimentos representem o demoníaco, ainda assim, enquanto “preocupação última”, assemelham à religião só que de forma negativa. Por via de regra, religião para Tillich nunca pode ser esfacelada, diminuída, visto que sempre traz o sentido de incondicionalidade, de eternidade. Por esse motivo, por mais que

qualquer instância social tenha em vista uma “preocupação última”, ainda assim, continua sendo temporária e contingente.

Por fim, poderíamos indagar, dentro dessas noções tillichianas, se é possível uma ciência da religião que seja empírica? Pois bem, como foi apontado nas linhas precedentes, só apreendemos o incondicional pela via simbólica por meio da fé. A nossa condição humana coloca limites para tal compreensão. Por outro lado, poderia a ciência da religião ser reduzida ao âmbito empírico? Como aponta Gross (2013), se assim fosse, a tese tillichiana se mostraria inviável. Entretanto, o contrário tornaria a noção tillichiana de religião pertinente e sustentável, pois as teorias de Tillich contrapõe o reducionismo empirista, uma vez que Tillich não concebe o conceito de religião como domínio particular e comum.

Dentro desses debates o autor Adilson Koslowski (2013), colabora com essa tarefa de pensar uma definição que corresponda ao designo religião. Até o momento já podemos ter uma noção do quão complexo é o termo religião. Uma definição não pouco difundida que parece compreender tão somente os segmentos deístas tem concebido a religião como sistemas de crenças e práticas, com finalidade de cultivar e buscar um ser transcendente que responda aos anseios da vida e do sentido último do ser humano. Por mais que pareça corriqueiro e incontestável o uso do termo religião, tendo em vista as muitas variações em seu uso comum, frequentemente, esse vocábulo tem sido associado às práticas humanas cujas expressões simbólicas e ritualísticas, dentro de um todo secular, podem ser percebidas em muitos comportamentos sociais. Isso não quer dizer, por exemplo, que algum tipo de fanatismo por um determinado artista ou time de futebol circunscrevem com práticas ou cultos religiosos. Também não podemos deixar de notar algumas semelhanças, ao menos no que se referem a práticas de devoções, símbolos e ritos. Quando tentamos classificar alguma expressão religiosa dentro de qualquer contexto social percebemos as dificuldades de se definir um termo que atenda ao que comumente se entende por religião. Talvez tenha sido por questões análogas que Tillich teria falado em “semi-religiões”, pois se pensarmos em termos de “preocupação última” é notório que muitas esferas sociais assemelham ao campo religioso.

Assim sendo, como assinala Koslowski (2013), muitos pensadores na década de 1960 anteciparam o fim da religião, mais a religião não desapareceu como se

previa. A despeito disso, ela se mostrou preponderantemente presente e atuante. Nesse sentido, que o uso moderno do termo religião aponta, ao mesmo tempo, para o nascimento de uma ciência específica para tratar dessa temática. A partir desse momento estaria aberta as frequentes discussões e críticas em torno dessa problemática. Ora, o nascimento da ciência da religião e, mais especificamente da filosofia da religião, revela a importância de se discutir tal tema e, por isso, por mais que se discuta, o tema da religião ainda continua sendo um terreno difícil de ser delimitado. Nessa altura, poderíamos indagar: Qual o propósito de buscar uma definição específica para os fenômenos religiosos? Já vimos que é tarefa da filosofia buscar pela essência, definições e conceitos quando o que se está investigando não está claro. Como aponta Pieper (2019), a noção de que existe uma hermenêutica e um lado não revelado desse fenômeno, contribui para investigações e fecundos estudos no que diz respeito ao fenômeno religioso. E, em função disso, as vezes é preciso neutralidade e certo distanciamento para ver de forma menos obscura.

A fenomenologia da religião oferece esse critério avaliativo. Nessa tarefa podemos inserir a filosofia, ou melhor dizendo a filosofia da religião. Se fenomenologia pressupõe um retorno as coisas, ao fenômeno em si na forma que ele se apresenta, a fenomenologia da religião dedicar-se-ia à religião como ela se apresenta a partir das experiências religiosas. Ora, como estabelecer um critério razoável na tarefa de definir religião? No dizer de Koslowski (2013), o estudo da religião deve ser classificativo, visando analisar a religião isenta de critérios valorativos. Deve-se pensar uma definição filosófica da religião que pressuponha neutralidade para se dirigir aos fenômenos e segmentos religiosos. Como aponta Koslowski: “Em Aristóteles, definir é oferecer o gênero próximo e a diferença específica a partir de conceitos que já conhecemos para definir o ainda não conhecido” (KOSLOWSKI, 2013, p.115). Isso parece razoável quando se pretende delimitar e conceituar a religião da forma que ela se manifesta, pela via da experiência. É dessa maneira que o autor recomenda uma investigação fenomenológica da religião. Dizendo de outra maneira, para uma definição satisfatória de religião é preciso recorrer à experiência religiosa. Isso quer dizer, que definir religião como “neurose”, “ópio do povo”, “sistemas de crenças” e “necessidade intelectual” não se está sendo fiel a experiência religiosa; ao fenômeno

religioso. Uma definição fenomenológica da religião privilegia o aspecto religioso em suas várias manifestações, não em um segmento específico.

Enfim, diante dessa breve reflexão em que se discutiu algumas possibilidades de se pensar a religião ainda se apresenta em aberto, mas talvez seja essa indefinição que teria provocado contundentes debates com propósito de pensar a religião. Aliás, a filosofia da religião assume essa tarefa incansável e promissora dentro do horizonte religioso.

THINKING THE CONCEPT OF RELIGION

ABSTRACT

The concept of religion seems obvious and self-explanatory, however attempts to define it and find a reasonably generic concept have yielded several debates within the field of philosophy of religion. The intended essay will seek to reflect some ways and attempts to define what is meant by religion. Thus, the philosophy of religion inserts hermeneutics as a favorable way to think about religion. To make some relevant mentions to the religious phenomenon, we situate the problematic of the possibility of reflection on religion against the background of the contributions of Paul Tillich. For this, the concepts of "conditional", "unconditional" and "faith" are ways of properly think about the concept of religion. Thus, it will seek to show the paths and notes made by theology and philosophy of religion with regard to the way of thinking and conceiving religious phenomena.

Key-words: Religion. Hermeneutics. Philosophy. Conditional. Unconditional.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Tavares Marcio. **Os assassinos do sol**: Uma história dos paradigmas filosóficos. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

GROSS, Eduardo. O conceito de religião em Paul Tillich e a ciência da religião. **Correlatio** (Online), v. 12, p. 59-76, 2013.

KOSLOWSKI, Adilson. Em torno da problemática de definir religião. **Revista Philósophos**, v. 18, p. 103-126, 2013.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2010.

MUELLER, Enio R. Entre a religião e o seu conceito: questões fundamentais da filosofia da religião de Paul Tillich nos anos 1920. **Numen**, v. 9/1, p. 11-41, 2006.

PIEPER, Frederico. Religião: limites e horizontes de um conceito. **Estudos de religião** (IMS), v. 33, p. 5, 2019.

PORTUGAL, Agnaldo Cuoco. Teologia, Religião e Filosofia da Religião: Algumas Distinções a partir de uma Crítica a Richard Dawkins. **Revista Brasileira de Filosofia da Religião**, v. I, p. 9- 23, 2014.

TILLICH, Paul. **A Coragem de Ser**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da Fé**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1980.